

### A REDE QUE ELAS TECERAM: REDE MULHER ENTRE A TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL E A EDUCAÇÃO POPULAR

Dra. Cíntia Fiorotti  0000-0003-2704-3230

Vanessa Layter  0009-0009-0839-9865

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**RESUMO:** Este artigo aborda a trajetória da Rede Mulher, uma Organização Não Governamental-ONG de Educação Popular entre mulheres fundada no início da década de 1980, que iniciou seus trabalhos atuando com grupos de mulheres e clubes de mães mobilizados entre 1979 e 1989, vinculados a Igreja Católica, nas Zonas Sul e Leste da cidade de São Paulo-SP/BR. A idealização da Rede Mulher é marcada pela história de Moema Viezzer e por seu contato com feminismos latino-americanos e europeus. Em especial, nesse artigo discutimos a relevância do diálogo entre Moema e o Grupo "Subordination of Women", que a apresentou à categoria de "relações sociais de gênero" repercutindo sobre o trabalho de Educação Popular da Rede Mulher. Partindo das relações sociais de gênero, propomos ainda, discutir a Teoria da Reprodução Social com base nas dinâmicas de subordinação evidenciadas na realidade das mulheres, retratadas nos arquivos do "Fundo Rede Mulher de Educação" (FRME), disponíveis no *Núcleo de Documentação, Informação e Pesquisa* (NDP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

**PALAVRAS-CHAVE:** Rede Mulher; Teoria da Reprodução Social; Educação Popular.

### THE NET THEY WOVE: THE REDE MULHER BETWEEN SOCIAL REPRODUCTION THEORY AND POPULAR EDUCATION.

**ABSTRACT:** This article addresses the trajectory of Rede Mulher, a Non-Governmental Organization-NGO of Popular Education among women founded in the early 1980s, which began its work working with women's groups and mothers' clubs mobilized between 1979 and 1989, linked to the Church Catholic, in the South and East Zones of the city of São Paulo-SP/BR. The idealization of Rede Mulher is marked by the story of Moema Viezzer and her contact with Latin American and European feminisms. In particular, in this article we discuss the relevance of the dialogue between Moema and the "Subordination of Women" Group, which presented her with the category of "gender social relations" having an impact on the Popular Education work of Rede Mulher. Starting from gender social relations, we also propose to discuss the Theory of Social Reproduction based on the dynamics of subordination evidenced in the reality of women, portrayed in the archives of the "Woman Education Network Fund" (FRME), available at the Documentation, Information Center and Research (NDP) at the State University of Western Paraná (UNIOESTE).

**KEYWORDS:** Rede Mulher; Social Reproduction Theory; Popular Education.



### 1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo discutimos a perspectiva teórica presente em relatórios dos projetos de Educação Popular dos anos iniciais da Rede Mulher e a estreita ligação entre a produção acadêmica e as experiências de vida de Moema Viezzer<sup>1</sup>. A Rede Mulher emerge como a expressão de um movimento popular de luta e de educação entre mulheres construída coletivamente a partir de uma estrutura autônoma, sem fins lucrativos, durante o contexto de redemocratização brasileira na década de 1980. Embora a Rede Mulher seja fruto da construção coletiva e dialógica junto a outras mulheres que se dedicaram arduamente a fundação, consolidação e manutenção da ONG, as experiências de vida de Moema Viezzer, que precedem sua institucionalização, em 1983, marcam a atuação e orientação teórica da Rede Mulher.

A fim de atender aos objetivos propostos nesse artigo, discutiremos documentos que datam de 1979 a 1985, olhando especialmente para o documento intitulado: “REDE MULHER. Resultados da Pesquisa avaliação dos clubes de mães e grupos de mulheres da periferia da cidade de São Paulo, 1982 a 1986 - Volume 1” e duas produções bibliográficas de Moema Viezzer, o livro, resultado de sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais pela PUC- São Paulo “O problema não está na mulher” (1989) e a obra “*A Research and Education Project for Women in the Dominican Republic*” (1979)<sup>2</sup>.

Observa-se entre a seleção dessa pesquisa, que os trabalhos produzidos por Viezzer (1989) e pela Rede Mulher (1982-1986, 1979, 1989) contemplarão excepcionalmente a categoria de divisão sexual do trabalho. No entanto, propomos, analisar como a categoria analítica de Teoria da Reprodução Social (TRS), abordada especialmente em discussões dentro do feminismo marxista, com Mariarosa Dalla Costa e Selma James (1972,) emergem não conceitualizada nos documentos analisados. Mariarosa Dalla Costa é citada por Viezzer (1989), (2023a, 2023b),



como referência em seus trabalhos, especialmente quando a discussão envolvia a problematização se o trabalho doméstico produzia ou não mais-valia.

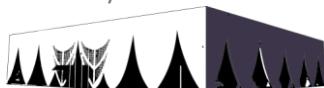
A partir desse mapeamento realizado durante a pesquisa ao Fundo Rede Mulher de Educação, trouxemos para reflexão nesse artigo: a) quais foram as categorias de análise utilizadas por Moema Viezzer na pesquisa-avaliação com clubes de mães e grupos de mulheres; b) como a Teoria da Reprodução Social (TRS) emerge nas análises de Moema Viezzer sobre as práticas de educação popular pela Rede Mulher. Para tanto, discutiremos esses objetivos em dois subtítulos.

Com o primeiro subtítulo, “A Rede Mulher, feminismo e a Teoria da Reprodução Social”, exploraremos as práticas desenvolvidas pela Rede Mulher enquanto uma ONG de educação popular com orientação teórica feminista marxista a partir do contato com a produção teórica do Grupo *Subordination of Women*. Em segundo momento, com o subtítulo “O trabalho de reprodução social e os projetos de educação popular entre mulheres”, tem a preocupação de demonstrar como a Teoria da Reprodução Social é utilizada em trabalhos de Educação Popular desenvolvidos no início da Rede Mulher.

## 2 A REDE MULHER E A TEORIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL.

Na década de 1980, a Rede Mulher não se classificava como uma Rede de Educação Popular Feminista, mas como uma Rede de Educação Popular entre mulheres (Fiorotti, 2023). Apesar disso, ao ler os documentos e os trabalhos de Moema, tanto que precedem a ONG quanto concomitantes à sua formação e atuação dentro do nosso recorte temporal, percebemos a influência da teoria feminista em seu trabalho. Quanto a isso, Moema destacou em entrevista que: “a maioria das mulheres nunca tinha ouvido falar de movimento feminista ou as que ouviram falar mesmo, eram contra o feminismo” (Viezzer, 2023a).

Por sua vez, os movimentos feministas não compreendem um movimento homogêneo. As formas assumidas pela subordinação feminina serão expressas em



formas específicas, em diferentes contextos sociais, históricos e geográficos, assim como lutas e os sentidos dos movimentos de mulheres, suas formas de atuação e prioridades corresponderão à essas condições (Vargas, 2005; Ostos, 2012; Alvarez, *et al*, 2003). Essa multiplicidade irá, também, se expressar nas diferentes vertentes dos pensamentos feministas ou movimentos de mulheres, que compreendem, diferentes soluções para a desigualdade de gênero. Alvarez *et al.* (2003), demonstra que

O dilema da inclusão tornou-se particularmente relevante em parte porque os movimentos feministas da segunda onda na América Latina e no Caribe sempre viram as mulheres pobres e da classe trabalhadora como um alvo ou clientela-chave. Os anos 1980, marcados por uma opressão estatal brutal e um empobrecimento crescente, apresentaram novas oportunidades e desafios para a criação de um movimento feminista de bases mais amplas, à medida que milhares de mulheres começaram a se mobilizar politicamente – mesmo que não necessariamente como feministas – como resposta a crises (Alvarez *et al*, 2003, p. 548).

Nesse período no Brasil, devido ao controle político e ideológico da ditadura militar, a possibilidade de organização para parte das mulheres era limitada aos clubes e grupos de mães e mulheres (Saffioti, Munoz-Vargas, 1994). Em encontro a isso, sabe-se que o período de ditadura não foi um caso isolado no Brasil, períodos ditatoriais atingiram boa parte do Cone Sul do continente. Viezzer (1989) comprehende que, em especial, o Estado durante regimes militares na América Latina “[...] sempre enalteceu a mulher e a família em função do passado ou do futuro da nação, mas sua prática foi enquanto ao presente, totalmente opressiva quanto ao gênero feminino” (Viezzer, 1989, p.77).

Vargas (2005) assinala que esses períodos foram uma das determinantes da forma como os movimentos feministas se construíram,

[...] em propostas que ligavam a luta das mulheres à luta pela “requalificação” e/ou recuperação democrática. Mais especificamente, nas lutas contra as ditaduras, os feminismos começaram a vincular a falta de democracia na esfera pública com a sua condição na esfera privada. Não é sem razão que o slogan das feministas chilenas na sua luta contra a ditadura: “democracia no país e em casa” foi adotada com entusiasmo por todo o feminismo latino-americano, porque articula as diferentes dimensões



de transformação que se procuravam e expressava a caráter político do pessoal [...] (Vargas, 2003 p. 3, nossa tradução).

Assim, compreender a perspectiva utilizada pela Rede Mulher ao trabalhar com e para a mulher brasileira, implica olhar para as lutas feministas; mas também, perceber como a forma de existência da mulher brasileira é própria ao contexto brasileiro, dialogando em diferentes níveis com o que é ser mulher na América Latina ou outros países da periferia do capitalismo. Sobre isso, o contato de Moema Viezzer com o grupo de pesquisadoras inglesas, chamado SOW, *Subordination of Women*, quando participa do “Primeiro Seminário Internacional sobre Relações Sociais de Gênero” ocorrido no México, marca a transformação na leitura da realidade social das mulheres pelo trabalho de Moema Viezzer. O grupo apresenta a categoria de “subordinação” feminina, contribuindo com posteriores trabalhos de Moema Viezzer.

A mudança de perspectiva no trabalho de Moema pelo contato com o grupo, foi lembrada por ela ao longo da entrevista:

[...] E teve uma que sentou uma tarde inteira conversando comigo e mostrando como na minha análise eu não deveria trabalhar sobre o que acontece com a mulher, mas enquanto a mulher está fazendo isso, o que está acontecendo para os homens. Por exemplo, o trabalho doméstico, se a mulher faz esse trabalho de cozinhar, passar, lavar, que é considerado sem valor, quando ela vai trabalhar fora, num hotel, por exemplo, é um trabalho com valor. E aí vinha aquela pergunta “se trabalho doméstico tinha mais-valia?”. (Viezzer, 2023a). [...] quando se paga o trabalho de um trabalhador que está numa fábrica, numa mina, não sei, qualquer outro lugar, está embutido no salário dele tudo aquilo que a mulher faz para o sustento. E foi que eu aprendi fazer as relações entre gênero, produção e reprodução. Para mim foi um avanço muito grande para o meu trabalho como feminista (Viezzer, 2023a).

Moema Viezzer fez questão de enfatizar como a subordinação de gênero possuem um papel no processo de exploração e reprodução capitalista, passando a utilizar a categoria de relações sociais de gênero. A partir desse momento, existe a articulação entre as discussões envolvendo a importância do trabalho doméstico e a reprodução do capital, onde a categoria de relações sociais de gênero passa a



dar conta de processos que, em um primeiro momento, lhe pareciam contradições. Marca esse período, também, o artigo publicado por Moema, intitulado “*A Research and Education Project for Women in the Dominican Republic*” (1979), que compartilha espaço com artigos de outras pesquisadoras, publicados no 10º Volume do Boletim do *Institute of Development Studies*: “*The Continuing Subordination of Women in the Development Process*”.

Posterior a isso, a categoria de relações sociais de gênero é utilizada para a análise contida na dissertação de mestrado em sociologia de Moema (Viezzer, 1989). Os dados produzidos na “*Pesquisa-avaliação dos clubes de mães e grupos de mulheres da periferia de São Paulo: informe final*” (Rede Mulher, 1985) foram utilizados para a elaboração do trabalho, o texto foi apresentado para a Pontifícia Universidade Católica. Nesse texto, Moema define a categoria como:

[...] instrumento da teoria feminista e se revela capaz de permitir, em quaisquer circunstâncias, a análise de relações sociais em que sejam atores homens e mulheres. A relação entre pessoas de gêneros (masculino e feminino) diferentes, assim como grupos de pessoas dos dois gêneros e, mais que isto, as relações globais entre homens e mulheres realizadas no seio de uma sociedade ou mesmo humanidade (Viezzer, 1989, p. 11).

Não problematizaremos, nesse artigo, a conceitualização de relações sociais de gênero utilizada por Moema, que considera apenas dois gêneros, que correspondem a características biológicas, num modelo cis hétero sexual. É necessário destacar, porém, que Segundo Scott (2021) e Federici (2019), o conceito de gênero emergia até a década de 1970, demonstrando a capacidade analítica olhando para a crise do domínio do capital sobre o trabalho e indicava a impossibilidade de reprodução do sistema capitalista sem opressão de gênero. Nesse sentido, as décadas de 1980 e 1990 tiveram impacto na política dos movimentos feministas internacionais, com um papel proeminente da Organização das Nações Unidas, em esvaziando as pautas radicais e apropriando gênero como forma respeitosa de referência ao sexo (Federici, 2019), ainda segundo Federici



(2019), a IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres, em Pequim, China, no ano de 1995 marca a apropriação do conceito.

Quando Viezzer (1989) utiliza a categoria de relações sociais de gênero percebemos que as mulheres participantes de clubes e grupos de mães e mulheres, tem sua identidade subjetivada a partir de sua função reprodutora. Deixam, portanto, de se entenderem como mulheres e são definidas por serem mães ou esposas, revelando o deslocamento da identidade das participantes. A subjetivação da identidade a partir da função de reprodução social, foi um dos motivos pelos quais Viezzer (1989) aponta que esses grupos e clubes tenham conseguido resistir a opressão em tempos de ditadura.

Saffioti (2013), demonstra que, conforme a diferenciação sexual, toma contornos próprios com a consolidação do sistema econômico capitalista, a sociedade passa a atribuir símbolos que prejudicam ou impedem as atividades produtivas do sexo feminino. Com influência na formação teórica de Moema (Viezzer, 2023a), Young (1979) aponta que as hierarquias de gênero refletem na divisão sexual do trabalho, assim como na exploração do trabalho não assalariado. Assim, a reprodução social se perpetua dentro das relações capitalistas e permite uma rígida divisão sexual do trabalho.

A divisão sexual do trabalho e a apropriação do trabalho doméstico pelo capitalismo demonstra ser formada, também, por processos ideológicos que condicionam a subordinação feminina se manifestando pela Teoria da Reprodução Social. Federici (2021) aponta que não receber salário oculta o processo de exploração capitalista sobre o trabalho doméstico. Embora não resulte em salário, o trabalho doméstico possibilita gerar “o produto mais precioso do mercado capitalista: a força de trabalho.” (Federici, 2021, p.28)

Moema Viezzer (1989), se aproxima da Teoria da Reprodução Social ao compreender que:

Por reprodução da força de trabalho entende-se a manutenção quotidiana dos trabalhadores atuais e dos futuros trabalhadores (as crianças) e, também, o processo através do qual os seres humanos se convertem em



trabalhadores. A escolarização, por exemplo, é um fator importante na reprodução da força de trabalho, assim como, em muitas áreas rurais, a transmissão de técnicas de capacitação agrícola, de geração em geração (Viezzer, 1989, p. 129).

Em encontro a isso, conforme Bhattacharya (2013), a força de trabalho, em grande parte, é reproduzida por três processos interconectados, que compreendem a Teoria da Reprodução Social:

1. Atividades que regeneram a trabalhadora fora do processo de produção e que a permitem retornar a ele. Elas incluem, entre uma variedade de outras coisas, comida, uma cama para dormir, mas também cuidados psíquicos que mantêm uma pessoa íntegra.
2. Atividades que mantêm e regeneram não-trabalhadores que estão fora do processo de produção - isto é, os que são futuros ou antigos trabalhadores, como crianças, adultos que estão fora do mercado de trabalho por qualquer motivo, seja pela idade avançada, deficiência ou desemprego.
3. Reprodução de trabalhadores frescos, ou seja, dar à luz. (Bhattacharya, 2013, p. 103)

Nesse aspecto, o trabalho não remunerado realizado por mulheres no lar para a produção da mão de obra redefiniu a centralidade não apenas o trabalho doméstico, do capitalismo, assim como da luta contra ele (Federici, 2021). Se no cálculo da mais-valia quem trabalha recebe o necessário para a reprodução da sua força de trabalho, o trabalho de reprodução social tampouco é reconhecido como trabalho, que por sua vez, produz força de trabalho. Portanto, é “[...] do interesse do capitalismo, como sistema, prevenir qualquer mudança ampla nas relações de gênero, porque mudanças reais vão, em última instância, afetar os lucros.” (Bhattacharya, 2013, p. 109).

### **3 A TEORIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL EM ALGUNS DOS PROJETOS DE EDUCAÇÃO POPULAR ENTRE MULHERES**

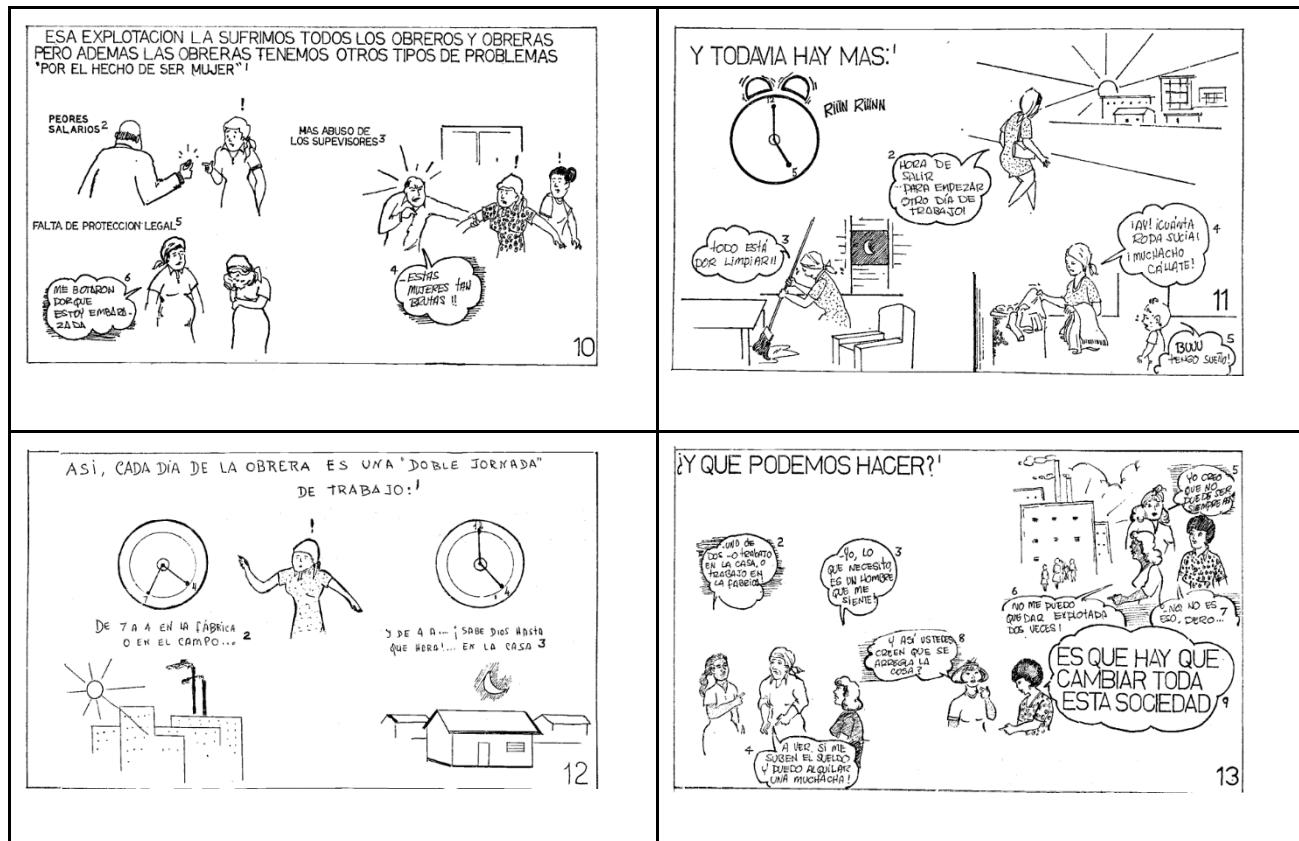
Nesse ponto, analisamos como a Teoria da Reprodução Social aparece, não conceitualizada, nas práticas de Educação Popular de Moema Viezzer (1979), desenvolvidas pela Rede Mulher (1982-1986) com os clubes de mães e grupos de



mulheres. Dentro da perspectiva de Moema (Viezzer, 1989), a Educação Popular permite a busca pela compreensão da realidade ao passo que olha para como ela se apresenta e é constituída na vida das pessoas das camadas sociais que estão à margem. Mulheres de classes populares sentem de maneira particular as interseções da subordinação de seus corpos, e ouvi-las permite uma enorme sensibilidade ao concreto, que, conforme Freire (2008), “(...) temos que entender e respeitar o sentido comum das massas populares e buscar com elas alcançar uma compreensão mais rigorosa e exata da realidade” (Freire, 2008, p.107, nossa tradução).

A publicação de Moema Viezzer no dossier “IDS Bulletin” (1979) faz parte da experiência de Educação Popular na República Dominicana (Viezzer, 1979). Compilamos parte do material no quadro abaixo:

**Imagen 1:** Educação Popular entre mulheres, República Dominicana



**Fonte:** Viezzer, 1979.



Disponível em: <https://bulletin.ids.ac.uk/index.php/idsbo/issue/view/178>.

Percebemos que Viezzer (1979) instrumentalizou práticas e o dia a dia das mulheres da República Dominicana demonstrando como o capitalismo vai para além das relações formais de trabalho. Na análise é demonstrado como as relações capitalistas de exploração e subordinação dos corpos compreende uma ordem social institucionalizada que abrange relações que não são aparentemente econômicas, como a família, numa necessidade de reproduzir a economia formal (Arruzza *et al.* 2019).

Nesse ponto, as mulheres com as quais a Rede Mulher trabalha, ocupam a posição de sujeitos econômicos, onde projetos de Educação Popular chegam com a preocupação de politizar e conscientizar, possibilitando que esses grupos passem a atuar enquanto “sujeitos políticos” (Kalckman e Viezzer, 1991). Os grupos que integram nosso recorte, participantes da “Pesquisa-avaliação dos clubes de mães e grupos de mulheres da periferia de São Paulo” (Rede Mulher, 1985), são grupos que emergem no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 numa estreita relação entre populações periféricas com Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Nesse conjunto, compreendendo que a Educação Popular reflete os níveis de luta de classe no interior de uma sociedade, não existe possibilidade de pensar projetos de educação popular que se deem fora do conflito de classes, mesmo quando o conflito é ocultado em véus ideológicos (Freire, 2008). A Teoria da Reprodução Social é sentida excepcionalmente pelas mulheres da classe trabalhadora, sendo o grupo mais afetado por duplas ou triplas jornadas de trabalho.

Nesse conjunto, o trabalho contido na “Pesquisa-avaliação dos clubes de mães e grupos de mulheres da periferia de São Paulo” (Rede Mulher, 1985), permitiu identificar que perfil dos grupos e clubes contemplava majoritariamente mulheres casadas, com filhos, filhas de trabalhadores, vindas do interior. Ainda, destaca-se o dado que boa parte dessas mulheres possuíam trabalhos remunerados antes de se casar (Viezzer, 1989). A Pesquisa-avaliação se desdobrou em múltiplos movimentos de Educação Popular, documentados em: a) um relatório



do levantamento com o objetivo de permitir que os grupos e clubes se conheçam e possibilite estabelecer vínculos intitulado “Retrato dos Clubes de Mães e Grupos de Mulheres da Zona Leste”; b) A revista “Que história é essa?”; c) o Audiovisual “E agora, Maria”; d) a Peça de teatro “Por ser mulher”. Outro resultado da pesquisa-ação foi a dissertação de Moema Viezzer, dividida em duas partes, onde a primeira foi publicada como livro, com o título “O problema não está na mulher” (1989).

Ao analisar os dados coletados, Viezzer (1989) demonstra que mesmo excluídas do campo sociopolítico, as mulheres que fizeram parte da pesquisa-ação sempre estiveram envolvidas em setores produtivos e de setores considerados improdutivos, não vinculados a economia formal. E quando inseridas no setor produtivo, “[...] por conta da divisão sexual do trabalho, o seu acesso à esfera produtiva nunca lhes deu condições de partilhar o comando das relações sociais de produção, sendo este mantido, exclusivamente, nas mãos do poder masculino” (Viezzer, 1989, p.133). A ilustração abaixo demonstra a percepção de Nelcinha, moradora da Zona Leste, sobre o que é ser mulher da classe trabalhadora.

**Imagen 2:** Ilustração Rede Mulher



**Autoria:** Nelcina Araújo Alves, integrante de um clube de mães da Zona Leste.

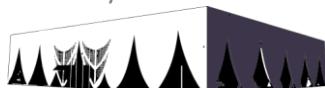
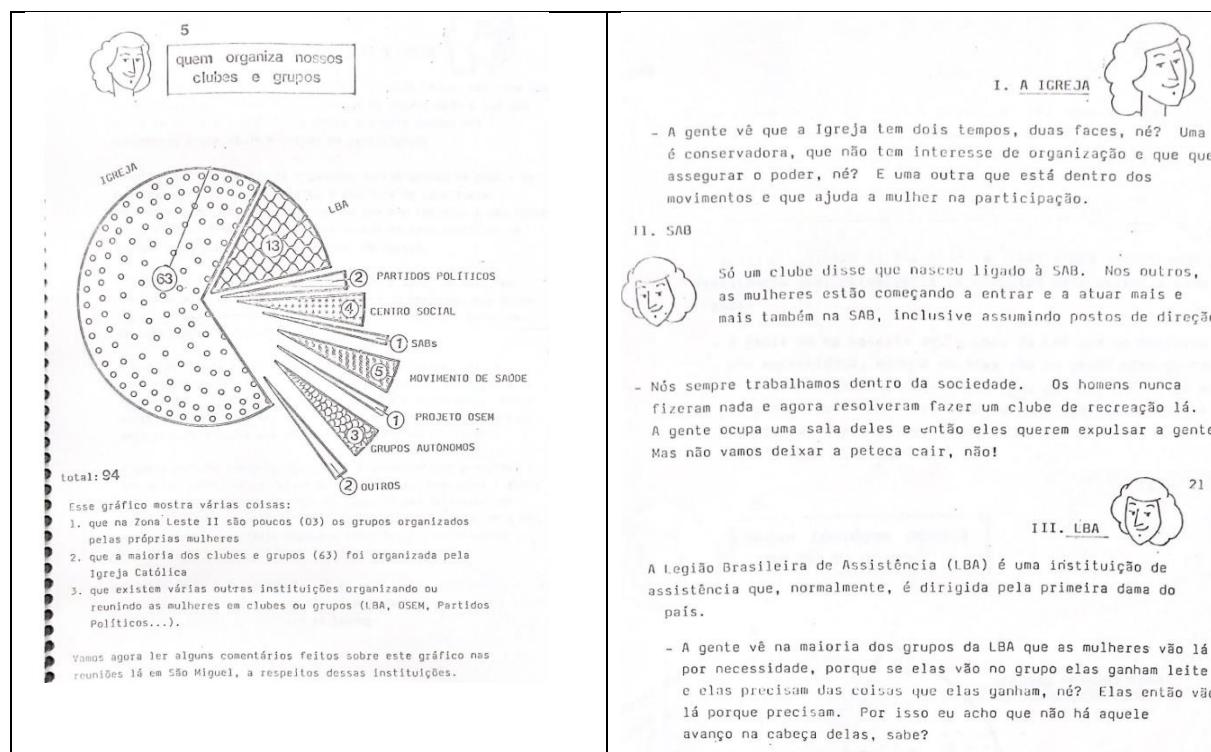
**Fonte:** Rede Mulher, 1982-1986 (adaptada pela autora).

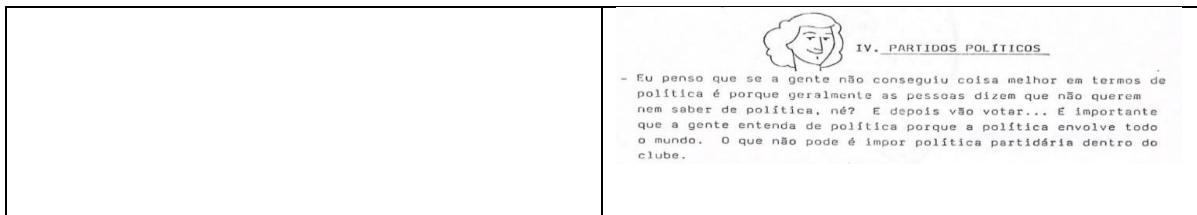


Quanto ao que constitui a classe trabalhadora, Viezzer (1989) destaca não haver como considerar trabalhador apenas o operário, o homem, ao passo que as mulheres chamadas donas-de-casa constituem a maior indústria em qualquer país. Nesse sentido, Federici (2021) destaca que apesar do número de mulheres empregadas no setor formal nos últimos cem anos terem aumentado significativamente, o acesso trabalho formal modificou as formas de opressão de gênero, foram reinventas e adaptadas.

Além da análise contida no livro “O problema não está na mulher” (1989), o levantamento das características e condições com as quais cada grupo e clube atuava está no relatório “Retrato dos Clubes de MÃes e Grupos de Mulheres da Zona Leste”. Os resultados adaptados para uma metodologia de educação popular, algumas das adaptações podem ser vistas abaixo:

**Imagem 3:** Sistematização dos resultados da Pesquisa avaliação 1982-1986





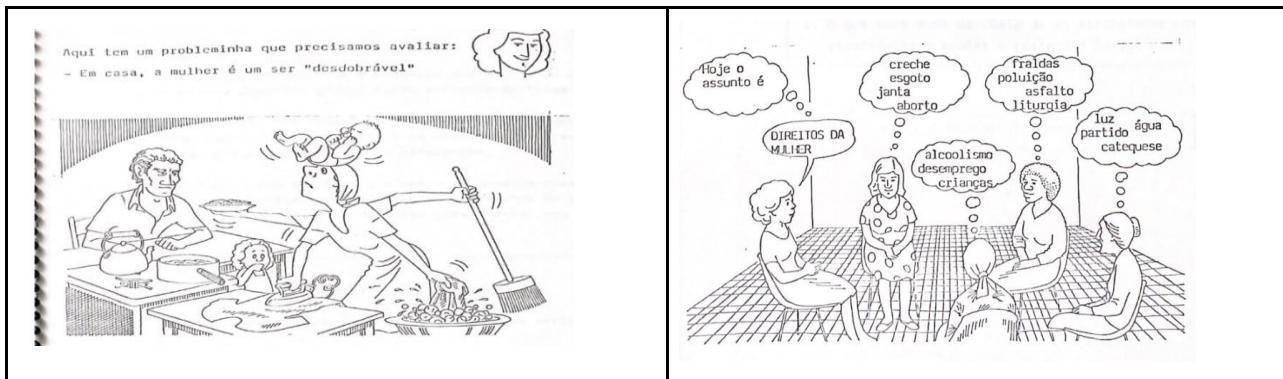
**Fonte:** Rede Mulher, 1982-1986 (adaptada pela autora).

Na coluna à esquerda, temos o desenho dos gráficos que representam os dados quanto aos Clubes e Grupos, ao passo que na coluna à direita, comprehende a percepção quanto aos dados levantados. É interessante notar que, apesar de que maior parte dos grupos e clubes serem organizados a partir da igreja, onde as mulheres estão inseridas, a instituição não é poupadada da crítica. Fiorotti (2023) constata, a partir da análise do projeto, que a região metropolitana selecionada para a pesquisa foi caracterizada pelo crescimento industrial, urbanização irregular e falta de serviços públicos básicos. Isso levou a uma grande mobilização popular, com mais de 85 associações de bairros registradas pelo citado projeto de pesquisa da Rede Mulher, demandando saneamento, transporte público, escolas e creches. Muitos grupos de mães surgiram do trabalho comunitário, principalmente ligados à Igreja Católica por meio das Comunidades Eclesiais de Base na década de 1960, mas também por outras instituições como partidos políticos, sindicatos e grupos feministas (Fiorotti, 2023).

Mesmo que em formas diferentes de atuação, a ação dos grupos e clubes transita pela reivindicação de melhorias locais, onde a reprodução social, mobiliza a totalidade da vida das mulheres com as quais a Rede Mulher trabalhou. As ilustrações da revista “Que história é essa?” (Rede Mulher, 1985), outro resultado do trabalho de pesquisa-ação ilustra essas preocupações, onde a discussão sobre “direitos da mulher” ultrapassa seus próprios corpos.

**Imagen 4:** Ilustração revista “Que história é essa?”





**Fonte:** Rede Mulher, 1982-1986 (adaptada pela autora).

Nesse sentido, as entrevistadas para o projeto demonstram as demandas das mulheres e, ao mesmo tempo, as necessidades de trabalho dentro dos grupos. Essa característica é apontada pela Rede, onde

As mulheres chegam com sede de aprender a fazer alguma coisa pra ajudar na economia em casa, né? Então no nosso grupo a gente tem as duas coisas. Tem horário pra discussão e horário para trabalho manual. E está dando certo, sabe?

Aqui, as mulheres estão sempre mais preocupadas com as reivindicações do bairro. Se a gente convidar pra lutar por uma creche, por exemplo, sempre consegue mais gente... Mas as mulheres não param para discutir em função delas como mulheres. Não querem perder tempo para discutir seus direitos! Pra maioria dos clubes falta um pouco de objetivos claros e perceber que as reuniões frequentemente levam as mulheres ao ativismo, sabe? Existe muita ação e pouca reflexão: as mulheres estão sempre voltadas só pra lutas do bairro... A gente não para pra avaliar e, na falta de planejamento, os grupos sempre enfraquecem... (Rede Mulher, 1985, p. 57).

Além disso, o audiovisual, “E agora Maria?”, metologia de Educação Popular e resultado do levantamento, envolveu três momentos: 1º) “A mulher na unidade doméstica”, saí de casa, e agora?; 2º) “A participação da mulher nos clubes de mães e grupos de mulheres”, estar em um clube, e agora?; 3º.) “Avaliação das mulheres que participaram dos movimentos”. Segue dois fragmentos da obra.



### Imagen 5: Trecho do audiovisual “E agora Maria?”

oh mãe, então me ensina,  
me diz o que é ser menina  
não é no cabelo, no dengo,  
no olhar. É ser menina por  
todo lugar. Então me ilumina,  
me diz...

A gente cresceu ouvindo que não podia fazer as  
mesmas coisas que um homem. Todo mundo parece  
que acha isso certo. Pra sociedade, a mulher  
tem de viver pro lar, pros filhos... o papel dela  
é ser dona de casa, mãe, esposa... É a rainha do  
lar, mas nem a última palavra dentro de casa é  
nossa.

O homem é quem manda, quem decide. Se quer jogar  
futebol, ir tomar chops na esquina, ver televisão  
até tarde. Ele pode chegar em casa de cara  
amarrada, mandar as crianças ficarem quietas,  
reclamar da vida, gritar, quebrar as coisas e até  
bater. O reino deles é a casa e a rua. O mundo  
parece ser só deles...

porque eu sou é homem  
porque eu sou é homem  
menino eu sou é homem  
menino eu sou é homem  
e como sou...  
nunca vi rastro de cobra

Ser dona de casa é só ter obrigações, sem direito  
nem a fim de semana nem feriado. E, nesse corre  
corre, a gente não tem tempo nem de pensar no que  
queremos da vida.



que diferença da  
mulher o homem tem

Nas Sociedades de Amigos de Bairro, as diretorias acham que mulher só serve para ajudar; nos movimentos as mulheres é que trabalham, que organizam as lutas e no final sempre aparece um político, alguém do governo ou até da Igreja para pegar a vitória da gente. Isto acontece também nos partidos políticos.

a mulher tem 2 braços  
2 coxas, 1 nariz e uma  
boca e tem muita  
inteligência  
o bicho homem

**Fonte:** Rede Mulher, 1982-1986 (adaptada pela autora).

Os papéis de gênero e suas funções dentro do conjunto social estão bem delimitadas nesse fragmento do audiovisual. Viezzer (1979), ao compreender que a opressão feminina não é algo novo no capitalismo, também comprehende que toma novos contornos sob essa forma econômico/social, a forma da subordinação. Nesse sentido, o trabalho de reprodução não é remunerado e como o dinheiro é essência do capitalismo, esse trabalho precisa subordinar os corpos que o fazem (Arruzza, *et al.*, 2019). Os corpos generificados são subordinados à papéis de gênero bem estabelecidos que consigam reproduzir a ordem, onde, como é retratado no texto do audiovisual “a gente cresceu ouvindo que não poderia fazer as mesmas coisas que um homem” (Rede Mulher, 1985). O quadro abaixo traz uma canção elaborada e utilizada pela Rede Mulher com as mulheres da periferia de São Paulo.

**Imagen 6:** Trecho de música produzido pelas participantes e integrantes da Rede Mulher



Música Instrumental  
durante 3 segundos

Nossa libertação é um caminho longo. O preconceito está sempre presente: nos meios de comunicação, nos nossos salários mais baixos. Temos de brigar contra a educação que tivemos, afastar o fantasma do sexo frágil.

Hoje tenho mais problema que antes... Só que agora me sinto bem comigo mesma. Minha cabeça foi mudando, eu penso diferente. Tenho coragem de expor muitas coisas, brigar pra ser ouvida e até aprendi a dizer não, o que faço muitas vezes. Pra esta nossa sociedade, a mulher é um ser funcional

Música Instrumental  
durante 16 segundos

É assim, mesmo quando estamos entre nós, em grupos de mulheres, nós discutimos muito nossa participação nos movimentos porque este nosso lado social já está bem desenvolvido. Mas ainda falamos pouco dos nossos problemas pessoais, das nossas emoções e da nossa sexualidade.

Às vezes penso comigo mesma: tanta mulher aqui reunida, tanta história de vida pra contar, pra discutir...

Mas é tão difícil falar das nossas coisas, do que é ser mulher, esta espécie ainda tão envergonhada...

Música Instrumental  
durante 14 segundos

Mas de uma coisa nós não temos a menor dúvida:  
acreditamos em nós, mulheres.

**Fonte:** Rede Mulher, 1982-1986 (adaptada pela autora).

A canção indica que um projeto de educação popular das mulheres, para mulheres, com as mulheres, não poderia apenas desvelar as relações de subordinação, sem esperança de transformar essas relações. O audiovisual se encerra ressaltando a importância da união entre as mulheres. Onde a subordinação que condiciona o corpo de uma, afeta o corpo de todas.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



O artigo teve a preocupação de discutir a orientação teórica e os desdobramentos de práticas de Educação Popular a partir da “Pesquisa avaliação dos clubes de mães e grupos de mulheres da periferia da cidade de São Paulo (1986)”. Para isso, inicialmente discutimos a influência do Grupo “Subordination of Women” no trabalho de Moema Viezzer, marcando o início da utilização da categoria de relações sociais de gênero.

O contato de Moema Viezzer com o grupo em uma aproximação com as discussões feministas, fez com que o seu trabalho se direcionasse para a divisão entre o trabalho produtivo e trabalho reprodutivo como base para subordinação feminina. Tal discussão apresentou-se realizada na vertente marxista do feminismo europeu das décadas de 1970 e 1980, em que a educadora popular articulou o diálogo com os movimentos de mulheres latino-americanas. Percebe-se, assim, a ligação entre a Rede Mulher, e a Teoria da Reprodução Social, manifesta nas práticas de Educação Popular entre mulheres realizadas pela ONG.

Nesse conjunto, observa-se a subordinação feminina como um fenômeno global, entretanto, a história das mulheres no Brasil, apresenta suas particularidades. Olhar para a condição da mulher, como se configura no Brasil, é uma das especificidades contemplada no trabalho da Rede Mulher como movimento de Educação Popular pensada “por mulheres brasileiras para mulheres brasileiras”, construído coletivamente e partindo dos grupos, e como essas mulheres sentem a subordinação de seus corpos. O trabalho realizado na “Pesquisa avaliação dos clubes de mães e grupos de mulheres da periferia da cidade de São Paulo (1986)”, demonstra a relação com a Teoria da Reprodução Social, partindo da experiência das mulheres da Zona Leste, elaborada em projetos de educação popular, e voltando para lutas de direitos dessas mulheres.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, S. *et al.* Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 541-575, dez. 2003.



DOI: 10.1590/S0104-026X2003000200013. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ref/a/gsBV3YsXZ6BdB48DjJSBWHP/?lang=pt>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021. v. 1.

FIOROTTI, C. **Educação Popular na América Latina**: projetos, metodologias e formações entre grupos de mulheres e feministas pela Rede Mulher-REPEM-CEAAL (1980-1990). 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. Entrevista a Paulo Freire. In: ALEJANDRO, M.; ROMERO, M. I.; VIDAL, J. R. (Org.). **Educación Popular y procesos de aprendizaje: ¿Qué es la Educación Popular?** La Habana: Editorial Caminos, 2008.

YOUNG, K. Theme I: The Sexual Division of Labour in Rural Production System. In: YOUNG, K. (Ed.). **IDS Bulletin**, Chichester, v. 10, n. 3, 1979. Disponível em: <https://bulletin.ids.ac.uk/index.php/idsbo/issue/view/178>. Acesso em: 2 jan. 2024.

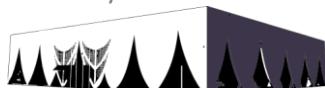
LIMA, C. F. **Mudanças no mundo dos trabalhadores**: um estudo sobre as vendedoras de produtos por catálogo Avon e Natura. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2009.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, H.; MUÑOZ-VARGAS, M. (Org.). **A mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: [s. n.], 1994.

OSTOS, N. S. C. D. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 39, p. 313-343, jul./dez. 2012. DOI: 10.1590/S0104-83332012000200010. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/cpa/a/TDrLgsgZ78XxyrcLm5yCxVv/abstract/?lang=pt>.  
Acesso em: 20 out. 2023.

VARGAS, V. *Los feminismos latinoamericanos en su tránsito al nuevo milenio. (Una lectura político personal)*. In: MATO, D. (Ed.). **Estudios y Otras Prácticas Intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder**. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO); CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2005. p. 307-316.

VIEZZER, M. *A Research and Education Project for Women in the Dominican Republic*. In: YOUNG, K. (Ed.). **IDS Bulletin**, Chichester, v. 10, n. 3, 1979. Disponível em: <https://bulletin.ids.ac.uk/index.php/idsbo/issue/view/178>.  
Acesso em: 2 jan. 2024.

VIEZZER, M. **Se me deixam falar....** São Paulo: Símbolo, 1978.

VIEZZER, M. **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez, 1989.

## DOCUMENTOS PESQUISADOS

REDE MULHER. **Resultados da Pesquisa avaliação dos clubes de mães e grupos de mulheres da periferia da cidade de São Paulo, 1982 a 1986**. Toledo: FRMENDP – UNIOESTE, 1986. v. 6.

VIEZZER, M. **Projeto de Pesquisa-Educação para mulheres operárias**. 1980. 1 documento. Arquivo: FRME-NDP – UNIOESTE, Toledo, PR.

VIEZZER, M. **Educação Popular e movimento de mulheres**. 1987. 1 documento. Arquivo: FRMENDP – UNIOESTE, Toledo, PR.

VIEZZER, M. **Pesquisa: educação feminista para mulheres operárias**. 1980. 1 documento. Arquivo: FRME-NDP – UNIOESTE, Toledo, PR.

REDE MULHER. Notas acerca de um processo de educação popular para os direitos das mulheres. (Moema Viezzzer e Suzana Kalckman – São Paulo, Dia Internacional da Mulher). **Notas acerca de um processo de educação popular para os direitos das mulheres**. 1990. 1 documento. Arquivo: FRME-NDP – UNIOESTE, Toledo, PR.

## FONTES ORAIS

VIEZZER, M. **Entrevista concedida à/ao autor/a da pesquisa**. Caxias do Sul-RS, 3 abr. 2023a. Entrevista gravada via Google Meet. Duração: 1 h 43 min.



VIEZZER, M. **Entrevista concedida à/ao autor/a da pesquisa.** Caxias do Sul-RS, 10 jun. 2023b. Entrevista gravada via Google Meet. Duração: 1 h 31 min.

<sup>1</sup> Educadora popular, ambientalista e feminista, produziu diversas obras, entre elas, “Se me deixam falar...”, publicado pela Editora Siglo XXI, no México, em 1977 (Viezzer, 1978). O livro foi traduzido em 15 idiomas, adaptado e instrumentalizado para a Educação Popular em movimentos sociais e feministas em diversos países da América Latina. Sobre a trajetória da autora, conferir (Fiorotti, 2023).

<sup>2</sup> A seleção desses documentos foi realizada após a pesquisa nos arquivos da Rede Mulher de Educação, no “Núcleo de Documentação e Pesquisa” (NDP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Toledo-Pr. O Fundo Rede Mulher de Educação é composto por aproximadamente cinco mil documentos físicos. Além da pesquisa documental, participamos de entrevistas em 2023 com mulheres que integraram a Rede Mulher entre 1980 e 1995, que permitiram maior compreensão dos projetos, a organização temporal de cada um deles e como se ligavam às demandas dos grupos.

Recebido em: 21-02-2025

Aceito em: 01-12-2025

